

Apresentação: infância e educação infantil - abordagens e práticas

Presentation: childhood and child education: approaches and practices

*Maria Walburga dos Santos**

*Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi***

*Izabella Mendes Sant'Ana****

Brasil, 2017. Em meio a um cenário político, social e econômico de tensões e incertezas, que requer posicionamentos e cada vez mais debates e envolvimento coletivos em favor da manutenção da garantia de direitos já conquistados e de avançar na construção de movimentos e políticas que busquem e afirmem justiça social, apresentamos o Dossiê *Infância e Educação Infantil: abordagens e práticas*, na perspectiva de olhar e atentar social, política e culturalmente para as crianças, suas formas de viver a infância (as infâncias), suas produções, inquietações e, ao mesmo tempo, dialogar com a Educação Infantil, na extensão de suas realidades e possibilidades, colocando em pauta questões urgentes no que diz respeito aos escopos da pesquisa, formação, políticas e práticas que envolvem as crianças, principalmente as crianças pequenas.

Sob as várias ameaças que afetam o campo, desde a formação aligeirada, redução de atendimento às crianças e suas famílias (incluindo fechamento de creches universitárias e programas governamentais que pouco (ou nada) dialogam com os conhecimentos e profissionais da área), além da antecipação de conteúdos do ensino fundamental em formas de escolarização precoce em desacordo com as especificidades da infância, baixas perspectivas salariais ou desvalorização profissional, dentre tantas outras, a causa das crianças e da infância angaria uma gama de pessoas que atuam em sua defesa, quer por meio de estudos e pesquisas, quer por trabalho ou militância. Os estudos ora apresentados colaboram com essa rede de atuação a favor das crianças e da infância, com artigos que possibilitam ampliar nossas referências em relação à complexidade das pesquisas educacionais contemporâneas que discutem as demandas da infância, contemplando diversos contextos brasileiros, representados por trabalhos de colegas dos estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso e Tocantins e, ainda, em espaço internacional, as contribuições vindas da Itália e de Portugal.

* Professora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – *campus* Sorocaba, do Departamento de Ciências Humanas e Educação da (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-So). Doutora em Educação. E-mail: walburgaufscar@gmail.com

** Professora da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba do Departamento de Ciências Humanas e Educação da (DCHE). Doutora em Educação. E-mail: lucialombardi@ufscar.br

*** Professora da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba do Departamento de Ciências Humanas e Educação da (DCHE) e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED-So). Pós-doutora em Psicologia Escolar. E-mail: izabellams@ufscar.br

Em sintonia com debates e pesquisas recentes, a organização desse número foi estruturada em dois tópicos:

I. *Infância: quem e onde*

II. *Para ser criança na Educação Infantil.*

Com seis artigos, a parte I, “Infância: quem e onde?”, considera e problematiza a infância a partir de abordagens atuais, compreendendo e assumindo que não existe uma única forma de se viver a infância ou uma criança universal. Quem são essas crianças? Qual infância, quais infâncias circunscrevem? Onde estão? Como essas crianças constituem e perpassam pela sociedade, a cultura, a Educação? Quais seus movimentos? Em que lugares, além das creches e pré-escolas estão essas crianças? Que campos teóricos potencializam e ampliam tais discussões na atualidade?

Partindo dessas indagações (e tantas outras), o primeiro artigo do Dossiê, escrito por Márcia Aparecida Gobbi, docente da Universidade de São Paulo (USP), sob o título *Ocupações e infância: crianças, luta por moradia e culturas infantis na cidade de São Paulo*, enfatiza a infância, a cidade e processos de construções de cultura pelas crianças. Trazendo a atual temática das ocupações e a cidade como território de disputas, a autora reflete em torno dos quintais urbanos que as crianças também ocupam (ou reivindicam), como o Vale do Anhangabaú, atentando para questionar, a partir da presença das crianças nesse espaço, “o direito à moradia, às brincadeiras e relações entre crianças em distintos espaços, assim como sobre sua capacidade de construir culturas em situações diversas e adversas”.

Diante da complexidade teórica que exigem os estudos da infância, o texto *Infância na contemporaneidade: questões para os estudos sociológicos da infância*, de Anete Abramowicz e Andrea Braga Moruzzi, docentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), traz contribuições e conceitos ligados ao campo da Sociologia da Infância e à compreensão da infância nos dias de hoje, encadeando uma gama de teóricos como Agambem, Foucault, Sirota, Corazza, Pelbert, Corsaro, Veyne dentre outros, que sustentam o artigo e a indicação das autoras que além da infância ser uma construção social, também pode ser compreendida como dispositivo de poder, observando que “é a própria criança que em seu devir resiste e interroga o dispositivo da infância”.

Três pesquisadoras e um pesquisador com origem na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) assinam a autoria do artigo *Infâncias e descolonização: desafios para uma educação emancipatória*: Elina Elias de Macedo, Flávio Santiago, Solange Estanislau dos Santos (também docente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL), e Ana Lucia Goulart de Faria. As reflexões propostas pelo quarteto, a partir de estudos pós-colonialistas, concebem as crianças como seres sociais, e aponta a urgência de trabalharmos por uma Pedagogia Descolonizadora (de pensamentos e ações), assumindo as crianças como protagonistas do processo educativo, onde não devemos temer a participação delas na realidade social, uma vez que elas nos instigam a

problematizar, a descolonizar o nosso olhar e escuta, bem como buscar construir para uma educação emancipadora."

Em continuidade à proposta do dossiê em vislumbrar, ao menos um pouco, onde estão e o que fazem as crianças, Soraya Franzoni Conde, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresenta-nos as crianças do campo, tecendo suas análises no artigo O que as crianças do campo fazem fora da escola? Reflexões sobre cultura e infância em territórios rurais de Santa Catarina, observando as manifestações culturais infantis fora da escola, trazendo suas narrativas em forma de desenhos, dando ênfase para a compreensão da relação entre infância, cultura, vida e território do campo neste estado brasileiro, de forma a superar a hegemonia "urbana", que "requer considerar as especificidades e a alteridade das crianças em relação aos adultos e os aspectos que envolvem a valorização e o reconhecimento da vida e da cultura nos diversos territórios não urbanos", como afirma a autora.

As crianças indígenas são o foco do trabalho de Beleni Saléte Grandó, docente da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Khellen Cristina Pires C. Soares, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Tocantins. Sob o título "Caça às krenti: criando corpo e infância entre os akwê-xerente", as autoras reforçam a tese que não há criança única, padronizada, entre os povos indígenas (e em nenhum lugar). Os processos de educação do corpo, temática central, são apresentados e compreendidos a partir das dinâmicas das crianças do povo akwê-xerente (de Tocantins), observando sua autonomia e com respaldo na coletividade e na cosmovisão que alia conhecimento, futuro e educação na comunidade. No transcorrer da leitura, as autoras ressaltam, que para os povos indígenas, mesmo diante das particularidades, "a diferença é sempre uma possibilidade de aprender".

Encerrando a primeira parte deste dossiê, temos as proposições de A infância no cinema: estética, políticas e poéticas, de autoria de Adriana Silva, professora da rede municipal de Florianópolis e colaboradora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A escrita do artigo partilha outro "onde" que as crianças podem habitar: filmes para as crianças e filmes das crianças, ou sobre as crianças, ou seja, nas palavras da autora "narrativas audiovisuais que trazem a poética da infância". O texto articula, a partir de pesquisa desenvolvida em tese de Doutorado, infância, cinema, estética, pedagogias, políticas e poéticas, focalizando possibilidades de pesquisa e criação no contexto educacional e "com novas e constantes possibilidades para se pensar a infância, do passado e do futuro, mas, sobretudo a do presente".

Na Parte II, "Para ser criança na Educação Infantil", há seis artigos, que continuam a perscrutar a infância, todavia, com pauta na Educação Infantil, avivando questões que circundam, provocam e constituem esses espaços educativos, na interface com a formação de profissionais e as práticas desenvolvidas. Arte e Filosofia (e crianças pequenas bebês com seu languagear como fenômeno poético), Literatura (e os estereótipos que cercam a questão de gênero na infância), Brincar (em ambiente educativo e com diferentes idades),

Relações Étnico-Raciais (e a educação das crianças negras), Práticas Educativas e seus sentidos (para que datas comemorativas?) e Documentação Pedagógica (e os desafios da formação em Educação Infantil) foram as matrizes que instigaram e geraram os estudos aqui apresentados.

A professora Sandra Regina Simonis Richter, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Rio Grande do Sul, escreve o artigo Educação, Arte e Infância: tensões filosóficas em torno do fenômeno poético. Nele, a autora discute o fato da entrada de bebês e crianças pequenas na educação básica redimensionar o debate pedagógico em torno do encontro entre Educação e Arte, colocando as ações de brincar, imitar e fabular no centro das atenções pedagógicas. Apoiando-se em estudos fenomenológicos de Merleau-Ponty e Bachelard para pensar a imaginação poética e os começos languageiros da criança pequena, favorecendo, no cotidiano da educação infantil, experiências lúdicas – brincantes – com e na linguagem. Richter reafirma a aproximação entre educação, arte e infância comum dos mais frutíferos debates nos campos educacional, da ética e da estética, por colocar em debate a historicidade das tensões que envolvem a relação entre real e ficcional, entre fazer e pensar, entre corpo e intelecto. As cisões entre imaginação e razão, entre corpo e mundo, entre subjetividade e objetividade, permanecem como enfrentamentos necessários para o debate em torno da experiência languageira de inserção de bebês e crianças pequenas na coexistência. O debate de Richter trata de questões que ainda fazem parte das disputas contemporâneas pelos projetos pedagógicos que orientam os trabalhos de profissionais da educação infantil.

Da Itália, a professora Gabriella Seveso, da Università degli Studi de Milano-Bicocca, partilha sua pesquisa com o artigo Diferenças de gênero e livros para a infância: reflexões sobre os estereótipos de gênero nos livros escolares italianos. As demandas relacionadas às questões de gênero, educação e infância, no momento, são alvo de grande polêmica no Brasil. Com análise centrada numa infância mais alargada (além dos seis anos), a pesquisadora trata as mudanças verificadas em seu país em relação à produção editorial de livros escolares de narrativa dirigida a meninas, meninos e jovens, marcada pela introdução de estereótipos relativos ao gênero. Seveso traça contribuições para a discussão sobre o tema no âmbito da Educação, ponderando a respeito do descompasso entre os estereótipos ainda presentes e as questões cotidianas, da realidade, além de provocar docentes em relação aos critérios de escolha de material de leitura adotado. Vale a nota que a tradução do texto para o português foi realizada por Liliana Laganá e a revisão técnica dessa tradução foi feita pela professora Daniela Finco, da UNIFESP, estudiosa das questões de infância e gênero no Brasil.

Suzana Marcolino, Suely Amaral Mello, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita (UNESP – campus Marília) e Maria da Assunção da Cunha Folque de Mendonça (Universidade de Évora, Portugal), escrevem o artigo Brincar juntos na Escola da Infância: a brincadeira entre crianças de idades diferentes na Proposta do Movimento da Escola Moderna Portuguesa, no qual analisam como o fato de crianças de idades diferentes brincarem juntas, afeta o

desenvolvimento da brincadeira infantil. A pesquisa se deu em observações das brincadeiras em uma sala de Educação Infantil, onde a educadora é membro do Movimento da Escola Moderna Portuguesa (MEM), na cidade de Évora, Portugal, que adota a heterogeneidade em relação à idade das crianças: uma mesma turma é composta por crianças de dois a cinco anos de idade. As autoras elegeram a brincadeira de papeis e suas ações como unidade de análise e, com base na teoria histórico-cultural, analisam como as crianças mais velhas podem afetar de forma consistente a brincadeira das crianças mais novas.

As crianças negras e as questões do racismo nas instituições de Educação Infantil são focos das discussões propostas pelo artigo *A infância, as crianças e a educação infantil: reflexões acerca da questão étnico-racial*, de Fabiana de Oliveira, docente da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). A autora aborda temática das relações étnico-racial, apontando, em amplo estudo teórico, o papel da educação infantil na formação pessoal e social das crianças negras. A partir de levantamento histórico das condições de vida e escolarização das crianças, identifica elementos de exclusão das crianças negras devido a seu pertencimento étnico racial, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental. Fabiana de Oliveira, paralelamente, salienta o papel que a formação de professores para atuar com a infância deve ocupar no tocante ao combate ao racismo e à educação das relações étnico-raciais, defendendo que “A prática pedagógica voltada para as questões raciais tem sua especificidade e exige determinados saberes”. Tais saberes precisam ser explicitados e estar presentes na formação e no cotidiano da Educação Infantil.

Cleonice Maria Tomazzetti, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, e da Universidade Federal de São Carlos, com a companhia de Marisa Mattos Palauro, da rede municipal de Piracicaba, escrevem o artigo *Datas comemorativas na educação infantil: quais sentidos na prática educativa?*, apresentando resultados de pesquisa a respeito do tema que apontam para ações descontextualizadas que não se relacionam às práticas sociais das comunidades escolares e que, por isso, se distanciam dos sentidos a serem construídos pelas e com as crianças. As autoras iluminam a importância de se considerar a criança na composição da proposta curricular da escola, bem como do planejamento do professor não elaborar projetos pautados em datas comemorativas e nas vontades dos adultos. Sugerem, ainda, a perspectiva das pedagogias da participação como um princípio do trabalho a ser assumido para a elaboração de atividades relevantes que contribuam para a experiência educativa na infância, em contraposição às pedagogias baseadas na transmissão.

Para concluir o conjunto de artigos do dossiê, Paulo Sérgio Fochi, da Faculdade de Educação da USP e da UNISINOS (RS) e as pedagogas Luciane Frosi Piva e Luciane Varisco Focesi, da Secretaria Municipal de Novo Hamburgo (RS), aprofundam a discussão e pesquisa a respeito de documentação pedagógica na Educação Infantil e na formação de professoras (professores) e gestoras (gestores) da área, contando com a experiência do Observatório da Cultura Infantil (OBECI). O texto *A documentação pedagógica como mote para a formação de professores: o caso de uma escola participante do OBECI* é escrito

com base nas reflexões e atuação do grupo, que pretende “compreender e interpretar as atuações das crianças para, então, saber planejar e projetar a continuidade do seu próprio fazer enquanto professor”. O estudo ganha força com descrições e inferências que partem de registros do cotidiano em uma instituição de educação infantil, atrelados à discussão teórica com base nas pertinentes referências bibliográficas. É um trabalho que assume a formação focalizada em contextos e dialoga amplamente com quem pesquisa e quem atua na Educação Infantil.

O convite é para a leitura, mas também para inspirar, refletir, criar, inventar, ocupar, resistir, descolonizar, conhecer, poetizar e aprender com as crianças.

Dezembro de 2017.

Organizadoras do Dossiê.